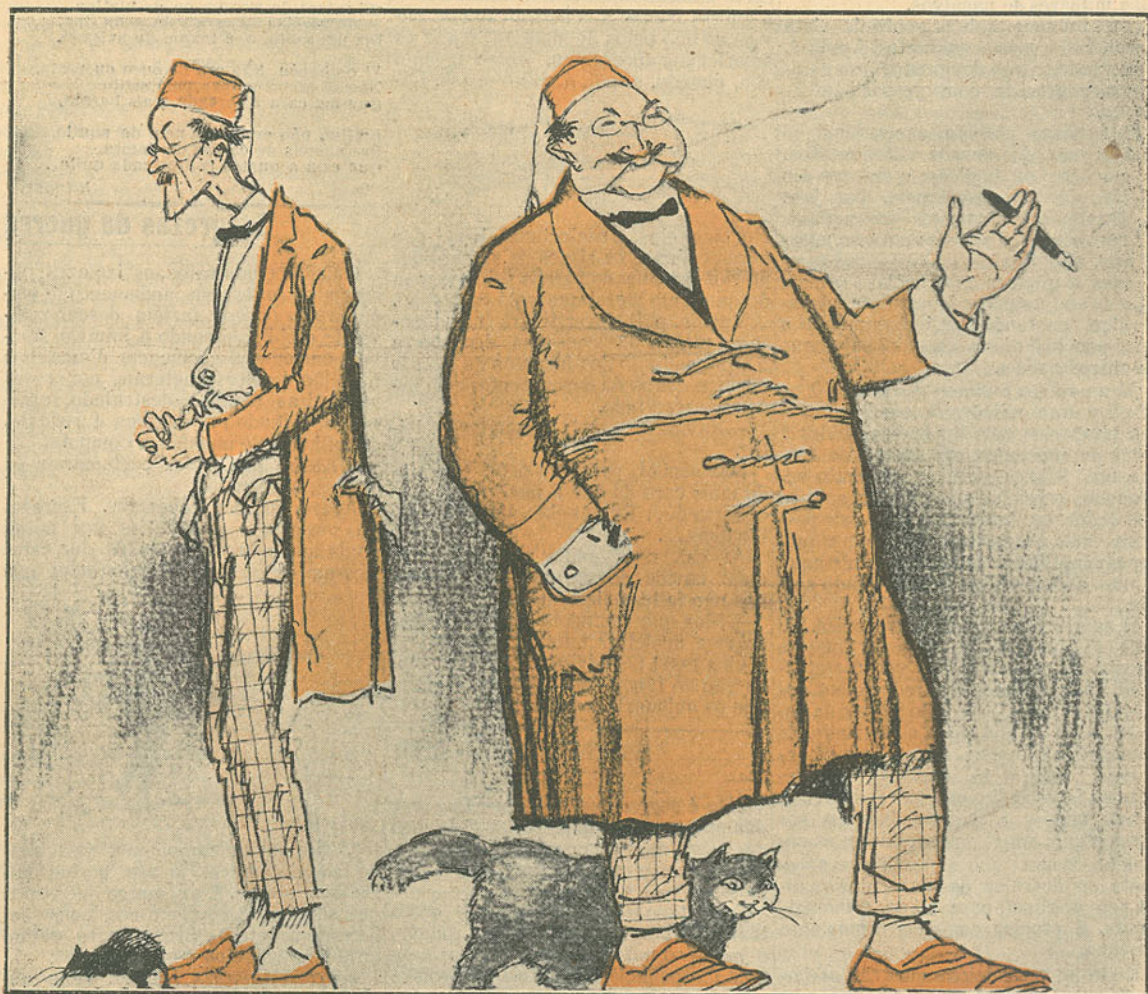




Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Antes e depois de tomar o chocolate da guerra



○ comerciante:

— *Eu antes da guerra era assim.*

○ mesmo:

— *Depois da guerra, estou assim e ainda hei-de engordar 'mais, se Deus quizer!*

PALESTRA AMENA

No zimbório da Estrela

Olhem agora com o que veem á cidade os dois espanhoes Puertollanos! E olhem o espalhafato que por aí se fez porque esses cavalheiros subiram ás torres e ao zimbório da Estrela, pelo lado de fóra, e lá de cima atiraram papelinhos, como haviam feito na torre dos Clerigos do Porto, como vão fazer na torre Eiffel de Paris e na estatua da Liberdade, em Nova-York!

Primeiro, ha muita gente entre nós que é capaz de fazer a mesmíssima coisa— não falando nas aranhas, moscas, lagartixas e outros reptis igualmente simpáticos. Depois, mesmo entre bipedes, o trepar não apresenta dificuldades de maior, conforme as experiencias a que todos os dias assistimos, aliás sem se manifestar o assombro que Lisboa em peso agora mostrou e fez esbogarhar os olhos e abrir as guelmas, em exclamações, a alguns milhares de papalvos.

Que falamos sob o ponto de vista moral, dirão vossas senhorias. Assim é, na verdade, o que demonstra que estamos a conversar com pessoas inteligentes.

Esta nossa aptidão ascencional já vem de traz, dos nossos antepassados, macacos ou homens: o macaco é o trepador por excelencia, por isso dispõe de quatro membros maravilhosamente d'spostos para se agarrar, não falando no rabo, que tambem o ajuda com-eficacia; o homem é de sua natureza igualmente elevadico, custando-lhe imensamente a ficar por baixo, em especial se vê que os outros sobem.

Já no antigo regimen essas aptidões se afirmaram milhões de vezes. Quantos zimbórios não foram escalados á força de musculos, de unhas, de dentes, até! Chegava-se ao cocuruto extenuado, o sangue escorria do sabugo dos dedos, os bofes queriam sair pela boca— mas chegava-se, o caso era querer e não olhar a meios, encontrão aqui, murro acolá, coice, facada— tudo servia.

E agora? Agora é a mesma coisa. Ha dois sistemas: o do trepador que se agacha de principio, que vai rastejando silenciosamente parede acima, como o caracol, deixando o rasto da baba, e o do que salta claramente, ás escancaras, audaz, assustando os outros. Isto— é ha tambem um sistema intermedio que não é dos menos usados e que consiste em ser oportuno, em se aproveitarem as sa-liencias sempre que a ocasião se apresenta, em derrubar os obstaculos quando seja possivel, para o que, principalmente, é preciso conhecer o momento propicio.

Nisto ha verdadeiros mestres, embora ás vezes surjam atrazos com que se não conta, como, por exemplo, quando se dá o primeiro passo senão ando praça na democracia e vai ao poder o evolucionismo, quando se abraça o unionis-

mo julgando-o proximo do governo e o sr. Brito Camacho se nega...

Mas são esses os ossos do officio do trepador, como as superficies lisas com as quais os espanhoes Puertollanos não contam e que se lhes deparam no caminho. Em todo o caso acabam por vencer: então é que intervem a alta ginnastica, o pulo— e ele aí está no pinca-ro, a encher o papinho, a falar de cadeira e a atirar cá para baixo com os prospectos da moralidade triunfante!

J. Neutral.

Mais inventos

O que produziu a nossa decadencia naval foi— todos o sabem— o emprego do aço nos navios de varias especies. Enquanto foram construidos de madeira, fizemos um figurão, porque madeira de pinho temos nós a dar-lhe com um pau; veiu o ferro, veiu o aço e a nossa armada ficou, como era de prever, desarmadissima.

Ora como «a alguma coisa desgraça é bem»— como traduziria do francez certo mancebo que nós conhecemos— a guerra trouxe a substituição dos navios de aço pelos de madeira, o que os americanos apresentam como invento seu, quando, afinal, é muito nosso. Ra-



ciocinam eles, e raciocinam bem, que para correrem os riscos de ser metidos no fundo, antes os barcos sejam de pau do que d'um metal que está carissimo.

Vamos, pois, fazer figura novamente— e mais ainda com uma descoberta que a comissão dos inventos do *Seculo Comico* acaba de experimentar com excelente resultado.

— Navios de papel? perguntará o leitor.

Não senhor, porque o papel está ainda mais caro do que a madeira. A descoberta é... Damos-lhe uma, damos-lhe duas...

Aí vai, para evitar mais impacencias: navios de cortiça, que tambem nos não falta, felizmente.

— Mas que vantagem tem a cortiça sobre a madeira? interrogarão.

Ora essa! Os navios de cortiça nunca vão ao fundo, por mais tentativas que os submarinos façam!

As chalaças do lino

Não é segredo para ninguém que uma das pessoas mais engraçadas de Lisboa é o nosso querido camarada Lino Ferreira; exemplo, a anedota que narriamo:

Executava uma orquestra de certo teatro uma opera de Wagner, quando o *maestro* notou da parte do clarinete uma dissonancia manifesta. Avisou-o:

— O sr. clarinete: olhe que na musica não está isso.

Seguiram-se algumas notas certas, mas d'aí a momentos nova desafinação do clarinete. O *maestro*, zangado:

— O sr. clarinete está maluco? Essas notas não estão lá.

Terceira vez, e o *maestro* sai do seu



logar e examina o papel de musica na estante do clarinete, para vêr se haveria erro de copia. Então tudo se explicou: um percevejo, que passeava pelas linhas e intervalos da pauta, desenhava caprichosamente notas que não eram da opera mas que o clarinete reproduzia conscienciosamente...

A uma senhora que comprou um chapéu por quatrocentos mil réis

Quatrocentos mil réis e não flado Custou certo chapéu d'uma menina N'uma loja que fica all na esquina Que do Carmo torneja p'ro Chiado.

— Será d'ouro? pergunta o meu criado. «E' talvez de marfim ou de platina. São perolas ou renda da mais fina. Diz um sabio, que taxam de avisado.

Vi o chapéu. Não era de ouro ou prata. Não se recomendav' pelo estillo Que faz cara a fazenda mais barata,

Emfim, não era d'isto nem de aquillo, Era apenas de cascas de batata. Que está a quatro contos cada quillo...

Belmto.

Surpresas da guerra

Calados como ratos, os inglezes puzeram os *tanks* em andamento e enquanto os *boches* faziam descançadamente o chilo, supondo o inimigo tambem entregue á excelencia d'uma boa digestão de bifés, meteram, por essas trincheiras dentro, destruindo, arrazendo, fazendo prisioneiros e reduzindo milhares de alemães a compta.

— Assim não vale! exclamaram os *boches*, assustados.

Agora, as consequencias. Escrevenos um espião que temos por nossa conta nos exercitos alemães, que estes ficaram de tal modo desconfiados que



logo que ouvem zumbir um mosquito, do lado do inimigo, já não podem parar com pressa. E um amigo que temos no exercito inglez conta-nos assim telegraficamente o ultimo exito obtido ante-hontem pelos nossos aliados:

«*Seculo Comico*, Lisboa. Hoje um soldado inglez saiu trincheira p' ante pé satisfazer necessidade. Surpreza! gritaram *boches*. Fugiram 200:000, deixando 5:000 canhões, sem soldado inglez disparar um tiro. Hurráh!»

Exemplo

Entre marido e mulher, leitores assíduos das notícias da guerra.

A mulher:

—Mas que diabo é isso dos maximalistas da Rússia pedirem, a paz e ninguém lhes responder?

O marido, tentando explicar:

—E' como... é como...

—E' como, o quê?

—E' como se entre nós, fosse o Antonio José de Almeida que a pedisse: Ninguém fazia caso...

Codigo teatral

Os senhores são testemunhas de que se alguém se tem interessado a valer por coisas de teatro é o nosso talentoso colaborador Jerolmo, de Peras Ruivas. A' sua imparcialidade, ás suas observações criticas se deve o pouco que ultimamente se tem feito para levantar a cena portugueza do pôdre marasmo em que jazia.

Pois bem: vem um decreto nomeando uma comissão para elaborar um código teatral, metem na comissão indivíduos que percebem tanto de teatro como nós de politica russa, e o nosso Jerolmo fica no esquecimento! Não terá a competencia excepcional do sr. Castelo Branco, mas cremos que ficaria bem ao lado de qualquer outro membro da comissão, tanto mais que Jerolmo já se tem dedicado ao assunto, elaborando um projeto de código que bem poderia servir de base a trabalho definitivo.

Eis os artigos principais, extrahidos dos apontamentos do Jerolmo.

1.º—Os teatros possuirão um corpo de policia privativo, composto de professores de instrução primaria. Fica restabelecido o regimen de castigo corporal para os autores e atores dramaticos, sempre que a respétiva policia o julgue conveniente.

2.º—Quando qualquer empresa necessite de contratar um artista não se-



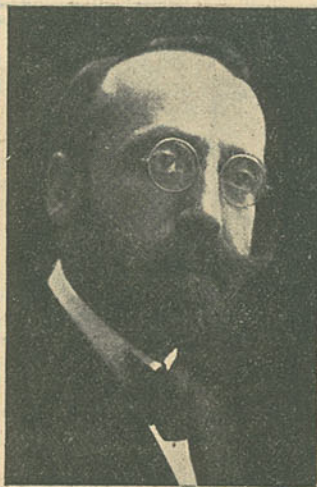
rá obrigada a contratar-lhe igualmente os anexos, tais como a amante, a criada, o cão, o gato, o papagaio, etc.

3.º—Haverá escrupulosa parcimonia na colocação de lapides indicando a passagem de artistas pelos teatros, considerando como celebres sómente os que o sr. Jerolmo, de Peras Ruivas, declarar como tais.

4.º—As *matinéés* passarão a ser á noite, para conciliar os interesses dos artistas com os das empresas.

5.º—Fica prohibida a adjectivação exagerada nos jornais em relação a autores e atores. Trabalhará a palmatoria sempre que um noticiaria chame pro-

EM FOCO



Chagas Roquette

Com este aspecto sério, de pacato,
Com este ar macambusio de tocheiro,
Tem alegrado Portugal inteiro,
Escrevendo comédias, não no trato.

Não ha, posso affirmar-o, cão nem gato
Que não tenha aplaudido o cavalheiro,
E mais tem uma cara de coveiro
E mais parece que não quebra um prato.

Basta-lhe o nome no cartaz, sómente,
Para que eu, que sou tido por sombrio,
Desate logo a rir perdidamente;

Depois vou vêr a peça e desbario:
Rio até ao final, como um demente,
E passados seis mezes inda rio!

BELMIRO.

metedor a um estreiante, estrela á atriz com quem simpatisa, etc.

Em muitos outros pontos toca o nosso estimado colaborador que, depois do que deixamos dito, não deixará, decerto, de ser convidado, como poderoso auxiliar, a fazer parte da comissão do código.

Livros, livrinhos e livrecos

Excerptos da juventude, de Humberto Beça.—Louvavelmente esse poeta portuense oferece a sua esposa este volume de versos, escritos aos vinte anos, conforme o poeta declara. Resentem-se da necessidade de expansão propria dos moços, com a grande qualidade da esperanza, que certamente não foi destruída, no caso presente, com o decorrer do tempo.

Apelar para a nossa critica é que é desnecessario, depois das seguintes palavras da *Nota final* do livro:

«Mau grado a má vontade de certos criticos, continuo a fazer versos. Leio a poesia porque me encanta e sou por ela apaixonado, estudo-a e cultivo-a, porque Candido de Figueiredo, Albertina Paraiso, Lourenço Caiola e outros me tem dito que continue».

Pois se Candido de Figueiredo, Albertina Paraiso e Lourenço Caiola lhe disseram que continue—é continuar e deixe lá falar quem fala, porque o resto é uma sucia.

«Piadas» de almanaque

E' com gesto depreciativo que se ouvem e comentam algumas graças innocentes, que não são as descabeladas de agora; chamam-lhes «piadas» de almanaque...

Pois bem. Nós vamos provar que as

«piadas» de almanaque eram sãs, concitiosas, reeditando algumas que provam que os nossos maiores tinham tanto ou mais espirito do que nós.

Vida d'um homem—Nasce, chora, mama, puxam-lhe as orelhas na escola, leva depois cacholeta, embaçam-no, casa e mais embaçado fica, transforma-se burro de carga, sustenta a familia, ouve berrar os pequenos, envelhece, limpam-lhe a baba, morre, enterram-noe fica de menos um mar tir e um pedaço d'asno.

Coisas em que se não pode acreditar—Juramentos, finezas, promessas de casamento, lérias de janotas, religião das beatas, lagrimas de mulheres, prognosticos de medicos, vaticínios, de almanaque, noticias de periodicos, choro de viúvas, indícios de bom tempo, quebras de falidos e discursos de deputados.

Pequenos beliscões

E' de notar a facilidade com que uma pessoa se desnacionalisa, a ponto de esquecer o seu proprio idioma.

Um distinto medico e *sportsman*, muito nosso querido amigo, que se tem notabilizado ultimamente, pelos seus estudos acerca dos mutilados da guerra, traduz do modo se uinfe uma conversa que teve em França, com um seu colega: «—Soube que em Bonsecours faziam um excelente tratamento para os anquiloses...

«—Julgo que sim...

«—Não quiz deixar que seguissem além, em considerandos que mal comprehendia e indaguei de que tratamento se falava:

«—Da ionisação clorurada.

«—Ah! mas apenas clorurada?

«—E tambem iodurada».

Em portuguez diz-se *clorada e iodada*, se a medicina dá licença.



MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

14.^a Parte — 2.^o Episodio

O SEGREDO DA BRUXA — (Continuação)



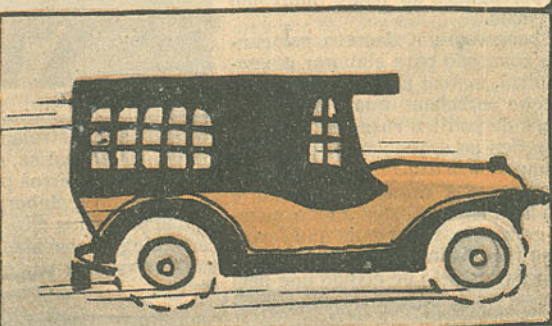
1.—Manecas não pára enquanto não vae ver se o mano Manequinhas está melhor da perna.



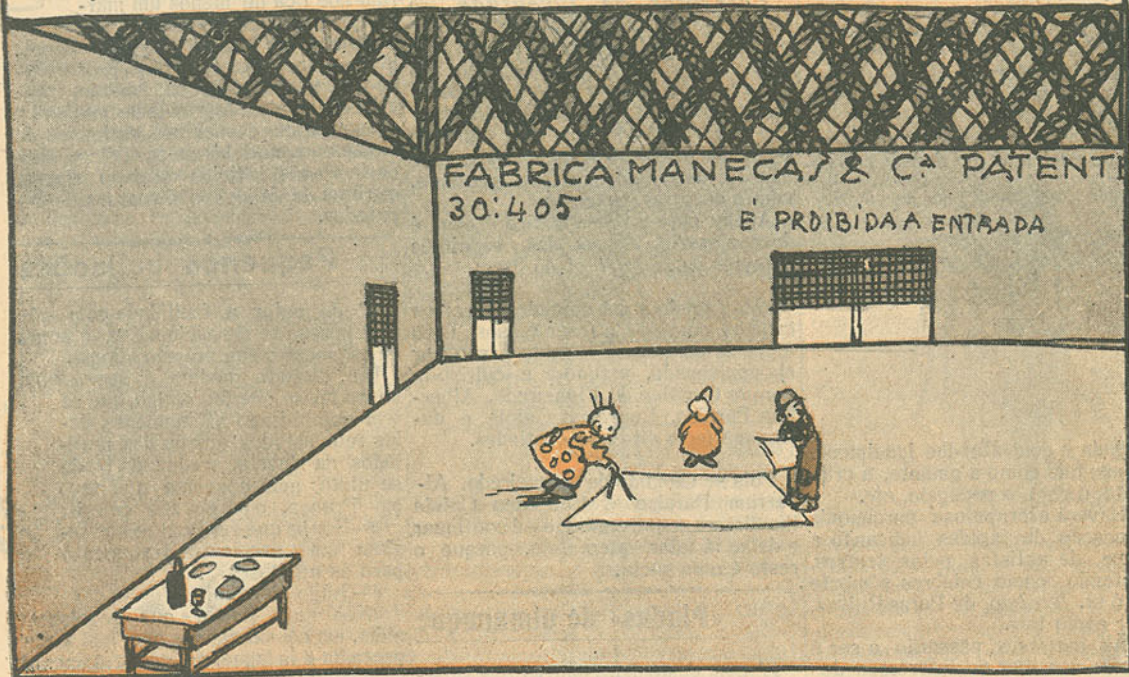
2.—Está; já lhe não doe, pois agora é de pau. E como não pode estar inativo, estuda uma nova invenção que apresenta em conselho dos aliados



3.—composto pelos tres manos. Resolvem combater a quadrilha até á vitoria final.



4.—Como lhes sobre dinheiro dos inventos anteriores, edificam uma fabrica. Para ela se dirigem



5.— e lá completam os planos do maravilhoso invento que ha-de reduzir a quadrilha a terra, cinza, pó e nada.

(Continua).